

“PSALTERIVM MEVM, GAVDIVM MEVM”

A ALEGRIA DO JUSTO NA PRESENÇA DE DEUS DOUTRINA DE SANTO AGOSTINHO DE HIPONA NAS *ENARRATIONES IN PSALMOS*

(Aula inaugural no Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese de São Sebastião do Rio De Janeiro - RJ, em 5 de março de 2001)

O Papa Paulo VI, em sua encíclica sobre a “alegria cristã”, nos recorda que

...o homem experimenta a alegria quando se encontra em harmonia com a natureza, e sobretudo no encontro, na participação, na comunhão com os outros. Com maior razão ele conhece a alegria ou a felicidade espiritual quando a sua alma entra na posse de Deus, conhecido e amado como o bem supremo e imutável. Poetas, artistas, pensadores e igualmente homens e mulheres disponíveis, com simplicidade, a uma determinada luz interior, puderam e podem ainda, seja no tempo anterior ao Cristo, seja em nosso tempo e entre nós, experimentar algo da alegria de Deus¹.

Quando eu era estudante no Colégio de São Bento, em S. Paulo, em minha tenra idade, não perdia as Vésperas cantadas diariamente naquela Abadia de Nossa Senhora da Assunção, do Mosteiro de São Bento. O canto dos salmos ainda ecoa nos claustros interiores de meu coração, de um noviciado jamais terminado. Mal entrava na adolescência e já me deixava enamorar pela sonora cadência do salmo 135 (136): *...quia in aeternum misericórdia eius*. Cinco palavras, gotas de ouro, vinte e seis vezes destiladas semanalmente e que encantaram meu coração de criança. Eu me apaixonara por Deus. Com o passar do tempo, um desses amigos de Deus passa-

¹ Paolo VI, Esortazione apostolica: *La Gioia Cristiana*. Alba, 1975, p. 3 e 4. *Così l'uomo prova la gioia quando si trova in armonia con la natura, e soprattutto nell'incontro, nella partecipazione, nella comunione con gli altri. A maggior ragione egli conosce la gioia o la felicità spirituali quando la sua anima entra nel possesso di Dio, conosciuto e amato come il bene supremo e immutabile. Poeti, artisti, pensatori, ma anche uomini e donne semplicemente disponibili a una certa luce interiore, hanno potuto e possono ancora, sia nel tempo prima di Cristo, sia nel nostro tempo e fra di noi, sperimentare qualcosa della gioia di Dio.*

ria a fazer parte dos meus convívios: Santo Agostinho de Hipona. Com o coração já amolecido pelas lágrimas de emoção que vertia na Abadia, foi fácil fazer deste Santo um bom amigo. Aliás, ele mesmo define bem esse estado de coisas: "*Feriste meu coração com a Tua Palavra e eu te amei*"². O estudo dos salmos continuou a me encantar e, quando fui enviado a Roma para completar meus estudos (mestrado e doutorado), procurei me aproveitar dessas experiências teológicas anteriores. Uni, portanto, o interesse pelos salmos ao encanto por Santo Agostinho e desejei oferecer à mãe Igreja, num trabalho de seis anos, a dedicação, a fidelidade e a total submissão à Sagrada Teologia. Descobri, dessa forma, a alegria indizível de ir, *de statio em statio*, entoando os cento e cinquenta salmos, alternando-os com Santo Agostinho e a Igreja.

Surgiu, assim, a tese: **Psalterium meum, gaudium meum: a alegria do justo na presença de Deus**. Doutrina de Santo Agostinho de Hipona nas *Enarrationes in Psalmos*.

"*Psalterium meum, gaudium meum*", expressão que se tornou tão conhecida por trazer em si verdades de confissão de fé e de doutrina, é o tema desta aula. Se em São Jerônimo, o Cristo é identificado como a cítara e saltério «...*qui descendisti in infernum et jacuisti, exsurge et lauda Dominum*»³, para Santo Agostinho Ele também é cantor e convida todo o Corpo Místico a permanecer n'Ele pela fé, pela esperança e pela caridade e, mais ainda, aderir-se a Ele, n'Ele cantar e n'Ele exultar de alegria: «Pois o Cristo canta; se somente a Cabeça canta, este cântico é do Senhor e não nos pertence; se, porém, o Cristo total, isto é, sua Cabeça e seu corpo, cantam, que estejas entre seus membros, adere a Ele pela fé, pela esperança e pela caridade. Nele cantas, nele exultas»⁴

Procurei, portanto, expor o conteúdo desta dissertação e os objetivos essenciais desse estudo, apresentando-os na manhã de 21 de junho de 1997, na sala das teses da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

Foi no livro das **Confissões** que Santo Agostinho definiu a verdadeira alegria em sua expressão mais excelente: «Existe uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem com puro amor, e aos

² *Confessionum*, 10, 6, 8: "*Percussisti cor meum Verbo Tuo, et amavi te*"

³ Cf. PL XXVI, 1220.

⁴ *Enarrationes in Psalmos*, 100,3: «*Cantat enim hoc Christus: si solum caput cantat, a Domino est canticum hoc, ad nos non pertinet; si autem totus Christus, id est caput et corpus ejus, esto in membris ejus, adhaere illi per fidem, et per spem, et per charitatem; et in illo cantas, in illo exultas*».

quais tu mesmo és a alegria. E a felicidade é esta: alegrar-se em ti, de ti, por causa de ti: fora disso, outra não existe»⁵.

Quem se aproxima dos salmos, sente-se de imediato contagiado, identificado com o texto, ouvindo praticamente a própria voz. Estranha quando suas palavras são duras ou imprecatórias, emociona-se quando o orante recebe do Senhor as graças de suas preces. Vê a contínua luta e sofrimento do justo e verifica que o Senhor lhe está sempre a favor. Muitas razões teriam esse homem para desistir da caminhada, porém se comporta sempre com o coração transbordante de gratidão. É um homem estranhamente feliz, porque se alegra com a futura ação de Deus e nem tem ainda a idéia de que existe um paraíso à sua espera, uma vida eterna que o acolherá⁶. A constatação dessa felicidade contraditória que o fortalece tanto e ilumina seu coração⁷, lhe dá igualmente a certeza de ser Deus seu melhor amigo.

Para evidenciar essa realidade, o Livro dos Salmos reúne a experiência de um povo que conheceu de perto esse caminho feliz. Centralizados quase sempre na figura do rei Davi, rei e profeta⁸, enquanto modelo daquele justo ideal que pode cantar diante do Senhor, prefigura e prepara em si

⁵ *Confessiones*, 10, 22, 32: «*Est enim gaudium, quod non datur impiis, sed eis, qui se gratis colunt, quorum gaudium tu ipse es. Et ipsa est beata vita, gaudere ad te, de te, propter te: ipsa est et non est altera.*».

⁶ «O autor do Salmo 1 não tem ainda a idéia da existência do paraíso e de uma vida futura. Os seus olhos estão voltados unicamente aos eventos deste mundo. Reflete e, como homem sábio que é, se pergunta: quais são as escolhas que conduzem à felicidade? A resposta lhe vem oferecida em três rápidos quadros. São como três cenas de um drama. Nele aparecem três personagens que são também os protagonistas de todo o livro dos Salmos: o justo, o ímpio e Deus» (F. Armellini et G. Moretti, *I Salmi, canti della vita*, Bologna, 1995, p. 23).

⁷ Comentando *De Diversis Quaestionibus* 83,35,2 onde Santo Agostinho desenvolve a questão sobre "O que se deve amar", E. Gilson assim se expressa: «*É tutta l'anima quindi che deve amare ciò che il solo pensiero può contemplare, ed è con l'amore così illuminato di ragione che essa attingerà finalmente la sua meta: non solamente conoscere il proprio fine ma, in un certo senso, esserlo. Infatti è proprio dell'amore che l'oggetto amato reagisca in qualche modo su ciò che ama in modo da trasformarlo a sua immagine e assimilarselo. Amare ciò che è materiale e caduco significa materializzarsi e condannarsi alla morte; amare l'eterno, invece, vuol dire eternizzarsi: amare Dio, vuol dire divenirlo.*». E. Gilson, *Introduzione allo studio di Sant'Agostino*. Casale Monferrato 1983, p. 20).

⁸ «Esta liderança espiritual carismática, institucionalizada como monarquia sacral ou como profetismo, permanece como força renovadora na medida da própria fidelidade às grandes premissas religiosas e morais do monoteísmo javista. O monarca ideal permanece como diácono de Deus em favor do povo, bem diferente dos tiranos orientais, que detêm o poder em favor de si mesmos». (F. A. Pastor, *Semântica do mistério. A linguagem teológica da ortodoxia trinitária*. S. Paulo, 1982, p. 7).

mesmo a realidade do justo por excelência, o Filho de Deus feito homem, o Cristo Jesus.

Possivelmente sejam os salmos os textos do Antigo Testamento mais citados no Novo Testamento. Naquilo que se trata particularmente de Jesus, o Evangelho recorda como ele deixará o Cenáculo com seus discípulos cantando o salmo⁹ e será imolado na cruz, tendo nos lábios palavras de Davi¹⁰. Em Santo Agostinho, os salmos tiveram uma função decisiva em toda a sua vida¹¹ e, *como a vida bastou a ele para escrevê-la, assim deveria bastar a nós para lê-la*¹². Será ele a comentar, de modo sistemático, todo o saltério; mas não o único, pois na Antigüidade — de Orígenes a Hilário — os salmos foram, de um modo ou de outro, objeto de reflexão e de estudo¹³, cujo material chegou até os nossos dias de modo fragmentado e incompleto, em alguns casos.

Para esta dissertação, as *Enarrationes in Psalmos*, de Santo Agostinho constituíram sua predileção e principal objeto material, tendo como motivação o tema da “alegria do justo”. Esse tema é novo no universo das pesquisas ao qual esta quis se tornar uma humilde contribuição. Procurou-se estabelecer um diálogo com a moderna exegese sobre os salmos, notadamente os comentários mais atuais¹⁴.

Sobre a alegria do justo nos salmos comentados por Santo Agostinho, não existe ainda monografia sobre o assunto¹⁵. Embora seja um dos autores mais estudados em todo o mundo e sempre se descobrindo obras até então desconhecidas¹⁶, o interesse por aspectos temáticos nas *Enarratio-*

⁹ Mt. 26, 30.

¹⁰ Mt. 27,46.

¹¹ Possídio descreve que Santo Agostinho pediu que lhe transcrevessem alguns Salmos penitenciais e, deitado em seu leito durante a breve enfermidade que o levou à morte, contemplava aquelas folhas pregadas na parede e, lendo-as, deixava cair lágrimas sentidas. (*Vita Sancti Aurelii Augustini*, PLXXXII, cap. XXXI, 63).

¹² B. del Colle, *I Salmi pregati da S. Agostin*. Introduzione. Milão, 1986, p. 15.

¹³ P. Turzinski, *Il Canto Nuovo nella Teologia di Sant'Agostino, specialmente nelle Enarrationes in Psalmos*. Roma, 1995, p. 40-41.

¹⁴ Particularmente A. González, *El libro de los Salmos*. Barcelona, 1984; G. Ravasi, *Il libro dei Salmi. Commento e Attualizzazione*. Bologna, 1991; H. Gunkel, *Die Psalmen*. Göttingen, 1986; H.-J. Kraus, *Psalms*. Minneapolis, 1993; L. A. Schökel et C. Carniti, *I Salmi*. Roma, 1992; L. Jacquet, *Les Psaumes et le coeur de l'homme*. Étude textuelle, littéraire et doctrinale. Gembloux, 1978; S. Mowinckel, *The Psalms in Israel worship*. Oxford, 1967

¹⁵ Sobre a alegria na ética de Santo Agostinho: V.J. Burcke, *The joy in Augustine's Ethics*. Villanova, 1979.

¹⁶ Dolbeau François, de 1991 a 1993 dedicou uma série de artigos para a *Révue Bénédictine* e para a *Révue des Études Augustiniennes*, sobre sermões inéditos de Santo Agostinho,

nes in Psalmos tem aumentado nos últimos anos. É muito fértil a produção de artigos em revistas especializadas de teologia, a partir de suas *Enarrationes*, sobre aspectos particulares de determinados salmos ou da vida eclesial ao tempo do bispo de Hipona¹⁷.

Este trabalho se coloca diante de dois campos distintos: a exegese agostiniana dos salmos e aquela moderna. Considerando que a grande maioria dos autores que hoje se dedica ao estudo do saltério, estes reservam quase sempre um último lugar para a aplicação cristã, esta pesquisa houve por bem considerá-la em modo privilegiado. O exame dos textos tanto do material bíblico comentado quanto das *Enarrationes in Psalmos* de Santo Agostinho, forneceram à pesquisa elementos próprios de desenvolvimento metodológico. Usando a divisão tradicional do saltério em cinco livros¹⁸, cada um destes ofereceu um capítulo a este trabalho, no qual estão presentes análises de alguns salmos mais significativos.

Em cada capítulo, procurou-se destacar o tema da alegria em suas mais diversas manifestações, a qual muitas vezes, pode estar até mesmo implícita no texto. Essa alegria brota do coração do justo e de todos aqueles que buscam verdadeiramente a Deus¹⁹. A dissertação procurou demonstrar, ainda,

descobertos por ele em Mainz (Stadtbibliothek). Entre esses, um sermão particularmente interessante sobre as palavras do Salmo: *Ego dixi in pauore meo* (Mainz I 9, f 86v-88v), catalogado por Possídio (Possidius X6,111: «De uersu psalmi centesimi uinti decimi: *Ego dixi in pauore meo, omnis homo mendax*»).

¹⁷ Concretamente existem alguns textos escolhidos, traduzidos e apresentados por diversos autores, em algumas temáticas diversas desta dissertação, a saber: A. Resnard, *St. Augustin. Prier Dieu. Les Psaumes*. Paris, 1964; C. Kannengiesser, *Enarratio in psalmum CXVIII: Science de la révélation et progrès spirituel*. Paris, 1962; D. Gorge, *St. Augustin. Homélie sur les Psaumes*. Namur, 1960; E. Hills, *Nine Sermons of Saint Augustin on the Psalms*. London-New York, Toronto, 1958; J. F. Cordelier, *La pédagogie de Saint Augustin dans les *Enarrationes in Psalmos**. Dijon, 1971; M. Vincent, *Saint Augustine maître de prière d'après les *Enarrationes in Psalmos**. Paris, 1990. O. Brabant, *Le Christ centre et source de la vie morale chez Saint Augustin. Étude sur la pastorale des *Enarrationes in Psalmos**. Gembloux, 1971.

¹⁸ É de se considerar o testemunho dos padres para uma divisão em três partes, de cinquenta em cinquenta Salmos. Hilario de Poitiers, não desconhecendo a divisão em cinco livros, prefere aquela tripartida e, trata do assunto em sua *Instructio Psalmorum*. Santo Agostinho, em seu comentário ao Salmo 150 mostrará sua preferência a esta segunda divisão. (M. Milhau, *Sur la division tripartite du Psautier. Le Psautier chez les Pères*. Strasbourg, 1994, p. 55-72).

¹⁹ B. Mondin, *Il pensiero di Agostino*. Filosofia, Teologia, Cultura. Roma, 1988, p. 312: «*Con la conversione al cristianesimo e successivamente alla teologia, Agostino non si senti obbligato a rinunciare ad alcunché di quanto gli aveva insegnato la filosofia platonica sull'uomo; senonché l'esperienza pastorale, la vita cristiana intensamente vissuta e la meditazione approfondita e assidua della Scrittura gli svelano una visione dell'uomo che, da tutte le parte, supera di gran lunga gli orizzonti del platonismo*».

que a presença de Deus na vida do justo é juízo de inocência²⁰ enquanto que, na vida do povo, é definição de história²¹. O tratamento dado pelos exegetas aos salmos escolhidos para cada capítulo e os comentários de Santo Agostinho harmonizou-se num diálogo onde foi aprofundado o ensino doutrinal contido nesses textos. Partilhando as suas riquezas, alguns aspectos da tradição judaica foram valorizados na apreciação dos temas, sabendo-se que *o dia é curto, a tarefa é longa e não está em nosso poder terminá-la*²².

O primeiro capítulo trouxe em análise o comentário de Santo Agostinho de alguns salmos do Livro I. Uma referência ao salmo 1 se fez necessária enquanto introdução ao saltério e à temática desta pesquisa, naquilo que se refere à alegria e ao justo. Este abre o horizonte para a apreciação do salmo 9-10 e ao seu carácter alfabético e em particular sobre a justiça divina em relação ao ímpio²³. O justo e o ímpio caminham em direcções opostas; o primeiro, busca a Deus; o segundo se afasta d'Ele e no desencontro de ambos estabelece-se a verdade. Em linha horizontal, poderá parecer um simples confronto até que Deus entra na vida de ambos e faz história, estabelecendo dessa forma a linha vertical *do descensus Dei* que determina o julgamento e do *ascensus hominis*, aquele que busca a Deus e é assumido por Ele, entrando assim na realidade da Salvação²⁴. Um momento especial sobre um tipo

²⁰ B. Costacurta, *La Vita Minacciata*. Il tema della paura nella Bibbia Ebraica. Roma, 1988, p. 276: «*E poiché nella fede la vittoria è anticipatamente donata, il credente che si lascia condurre dal Signore sperimenta già nel suo esistere che la minaccia è vana e non c'è più motivo di temere*».

²¹ «*Il Dio d'Israele si è rivelato nella storia delle sue gesta; in questo evento, è intervenuto a favore del suo popolo. Nell'Antico Testamento la storia è quello che è e attesta, esclusivamente in forza del soggetto che in essa agisce. È alle grandi gesta di Jahvé che Israele si riferisce incessantemente nei salmi; è su di esse che si fonda*» (H.-J. Kraus, *Teologia dei Salmi*. Brescia, 1989, p. 92-93).

²² Esta expressão, muito cara à tradição rabínica, é uma combinação de um diálogo retirado da Mi+nah: «*R. Tarfon said: The day is short and the task is long and the labourers are idle and the wage is abundant and the master of the house is urgent. He used to say: It is not thy part to finish the task, yet thou art not free to desist from it*». (H. Danby, *The Mishnah*, Aboth, 2,15,16. Oxford 1991, p. 449).

²³ M. Dahood, *Psalms I*. New York, 1975,4; sobre a antítese justo-ímpio: F. Asensio, *La oración en los Salmos*. La antítesis «justo-ímpio». Burgos, 1991.

²⁴ «*I Salmi sono stati, per gli antichi israeliti, non soltanto la parola con cui hanno pregato nell'oggi della loro storia, ma anche il "luogo" teológico in cui hanno ricompreso, nella fede, il frammento di storia salvifica che stavano vivendo*». (M. Masini, *I Salmi preghiera di un popolo in cammino*. Brescia, 1982, p. 59). Sobre a unidade "Salvação-História" destaque-se a sensível constatação de Fr. Dermot Cox, de inesquecível memória: «*It is necessary to understand just how biblical man perceived the history he was living out. He saw it as a*

particular de “justo”, que é o pobre²⁵ foi dedicado neste primeiro capítulo. Foram estudados alguns termos específicos para destacar a doutrina da alegria do justo, bem como no vocabulário usado por Santo Agostinho para compreender quem é esse pobre. A reflexão se deteve nessa figura, que mesmo sendo justo não pode deixar de ser também pecador. Para evidenciar esse aspecto, o salmo 24 (25) ofereceu elementos preciosos de verificação: um comportamento de fidelidade à Lei do Senhor, a busca de um caminho reto e todo um esforço para ser visto com bondade, por parte de Deus. Não permitindo que o pecado o domine, dobra-se diante do Senhor em humilde contrição. Santo Agostinho contemplará na figura desse justo um retrato da Igreja, santa e pecadora, que sofre traições, perseguições e toda sorte de provações internas e externas. O fato de reunir forças para superar essas dificuldades, graças Àquele que é seu esposo, permite ao Hiponense de consagrar muitas páginas sobre a alegria definitiva que é a verdadeira “beatitude”, isto é, quando ela deixará sua condição de peregrina por ter alcançado a Jerusalém Celeste.

No Capítulo II, que encerra mais especificamente o tema desta dissertação, foram reservados em análise alguns salmos do Livro II. O capítulo inicia-se com uma reflexão sobre a influência dos salmos na vida de Santo Agostinho, desde as lágrimas vertidas nos primeiros momentos de sua conversão²⁶, até aquelas derramadas em seu leito de morte²⁷. O salmo 46 (47) é cheio de aclamações, instrumentos e música e usado liturgicamente para

series of redemptive events, interventions made by God in time and place that decisively determined the thrust of existence. The past was the spring of Israel's present. Thus all biblical history is marked by a permanent tension, a dynamic of expectation and fulfilment, in which the Old Testament - and thus the Psalms - represents a preparatory and provisional stage». (D. Cox, *The Psalms in the Life of God's people*. Slough, 1984, p.14).

²⁵ A presença do pobre no saltério é bem acentuada. Igualmente Santo Agostinho reflete em diversos salmos sobre essa condição social, destacando-lhe uma função específica: *«Il povero dunque esercita una funzione particolare ed insostituibile, che Agostino compara a quella del laturarius, cioè del facchino. È, quella del povero, una funzione di tramite, che consiste essenzialmente nel trasporto dei beni del ricco dalla terra al cielo, con tutti i vantaggi che ciò comporta per il ricco stesso».* (P.V. Chiappa, *Il tema della povertà nella predicazione di Sant'Agostino*. Milano, 1975, p. 205).

²⁶ *Confessiones*, 9,4,8. Com emoção, ele narra essa incidência do canto dos salmos no dia do seu Batismo em Milão.

²⁷ T. K. Scott, *Augustine. His thought in context*. New Jersey, 1995, p. 7: *«Even on his deathbed, he lay in solitary fear and longing, weeping and searching his heart to be sure that he had “repented worthily and adequately” of any forgotten sin that might yet keep his soul from his God for eternity».*

a festa da Ascensão do Senhor. Por ser um salmo dedicado ao Rei, Santo Agostinho chama a atenção para a necessidade de “salmodiar bem, com arte”²⁸. O salmo 64 (65) ofereceu mais alguns elementos de análise sobre as causas da alegria no coração do justo, peregrino da esperança, exilado na Babilônia e que jamais perde a consciência de que é cidadão em Jerusalém. Esse caminho em direção à pátria definitiva²⁹ determina um novo aspecto a considerar nas metáforas e alegorias sobre justo e ímpio: o modelo exodal de libertação e salvação é muito presente e deve ser o amor pela Jerusalém celeste a causa dessa peregrinação; portanto, do amor pela cidade ao amor por seu fundador. A imagem da Igreja, como guardiã dos tesouros que geram a alegria, foi analisada no salmo 69 (70). O pobre continua protagonista porque é protótipo de um “status quo” social. O presente salmo evidenciará essa situação de quase resignação, com pedido de um intervento divino. Diante das maldições, se contrapõem atitudes iluminadoras da realidade e atitudes que garantirão a esse pobre em particular, a condição de justo. A única atitude possível que resta ao pobre/justo é implorar o auxílio divino, pois pior que sua condição de sofrimento, é a morte que ele contempla com horror porque até mesmo o seu relacionamento com Deus será interrompido³⁰. A tese contemplou essa situação limite de um e de outro e o salto qualitativo dado por Santo Agostinho: o ímpio pode se converter se quiser³¹. Uma conclusão ao capítulo foi elaborada a partir do comentário que Santo Agostinho faz do salmo 42 (43) pois retoma alguns conceitos vistos anteriormente e os aprofunda dentro da dimensão dos

²⁸ «...Agostino interpreta, in modo del tutto ovvio e naturale, come quel cantare alla maniera in cui ci insegna l'ars musicae. Così, sulla base di quest'indicazione dei Salmi, si fa spazio nella consapevolezza della Chiesa l'esigenza di conferire un'elevata qualità artistica all'espressione musicale nella liturgia». (J. Ratzinger, *Cantate al Signore un canto nuovo*. Milano, 1996, p. 122).

²⁹ Sobre o assunto, a *Piccola Biblioteca Agostiniana*, coleção criada por Agostino Trapé reuniu os textos mais importantes sobre o assunto em *In Cammino verso la Pátria*. Linee di antropologia. Roma, 1993.

³⁰ H.-J. Kraus, *Teologia dei Salmi*. Brescia, 1989, p. 271: «Ovunque si manifesti una diminuzione della vita sotto forma di debolezza, malattia, prigionia, minaccia nemica, privazione di diritti o angoscia, la sfera della morte si fa irruzione nel campo umano. La ragione profonda che si manifesta in tutto ciò sta nel fatto che il rapporto con Jahvé è interrotto e distrutto».

³¹ T. K. Scott, *Augustine. his though in context*. New Jersey, 1995, p. 16: «His mercy and inscrutable wisdom lead him to grant special aid to some in their struggle toward his presence, even as his unswerving justice refuse to heed his call. Intimately present within the soul of every person. God is more known to us than we are to ourselves».

critérios analisados anteriormente pelo salmo 69: a necessidade de identificar o "inimigo", até então misturado como o joio ao trigo, esforçar-se sempre mais em ser justo deve equivaler em buscar a santidade a qualquer custo. Sensível a esse tema, Santo Agostinho demonstra a realidade do *aqui e agora* na gratuidade do tempo e o *ainda não* da graça da eternidade³².

O capítulo seguinte foi elaborado em três momentos, como em círculos concêntricos: O Senhor, o Templo, a Cidade Santa. No primeiro salmo do capítulo III, foi contemplado o mistério do Deus que liberta salvando, pastor que se faz pastagem. Trata-se do salmo 80 (81), onde Santo Agostinho sugere: *Ouvirás onde debes ter o coração*³³, expressando assim a necessária fidelidade. O carne trata da ação de Deus na vida dos homens, da sua pedagogia de um aparente abandono e dissimulado sofrimento, porque sabe quais frutos deseja colher. O salmo tem elementos para, na busca da purificação, recordar momentos fortes da história de Israel, tais como a grande reforma de Josias (640-609 a.C.)³⁴. Santo Agostinho procede de modo semelhante diante das dificuldades que as heresias e os cismas provocavam à vivência do cristianismo no mundo antigo e particularmente no norte da África. No comentário a este salmo, ele convida a uma purificação de toda idolatria interior. Esta dissertação, colocando Santo Agostinho ao lado do rei Josias, perdoado qualquer anacronismo, desejou ressaltar o amor inflamante que o Santo nutre pela Igreja de Cristo. O segundo nível de reflexão diz respeito à Cidade Santa, Jerusalém. O salmo 83 (84) é um canto dos peregrinos que se coloca bem para apresentar o assunto. Santo Agostinho, usando de seu método próprio para explicar os textos bíblicos³⁵,

³² «*Mentre cammina su strade impervie, il popolo affranto implora Dio, perché gli mostri ancora la luce del suo volto, perché gli sorrida e - come altre volte - lo tragga in salvo dall'angoscia in cui lo tiene prigioniero l'antico avversario, il nemigo invidioso della sua gioia di appartenere all'unico Dio da cui si sente gratuitamente amato*». (A.M. Canopi, *Dio della mia gioia. Il tema della gioia nella Bibbia*. Casale Monferrato, 1989, p. 34).

³³ *Enarrationes in Psalmos, 80,1, 1124*: «*Audies ubi debeas habere cor*».

³⁴ «*Giosia era stato uno dei pochi re fedeli a Jahvè (Sir 49,4); compì nel regno del sud una riforma religiosa globale che riguardò non soltanto il tempio, il culto e le celebrazioni liturgiche, ma soprattutto la riscoperta del genuino spirito religioso della tradizione ebraica. La sua riforma innescò un movimento di rinascita che trova espressione nella tradizione deuteronomistica e nel profetismo*» (M. Masini, *I Salmi preghiera di un popolo in cammino*. Brescia, 1982, p. 66).

³⁵ «*Il genio di Agostino, mosso dall'amore, ha saputo più di qualsiasi altro, percepire l'intenzione armoniosa esistente fra soggetto e fine delle Scritture divine e umane, in sé come tra di loro, e l'elaborazione di un metodo per studiarle*». (B. de Margerie, *Introduzione alla storia dell'esegesi - sant'Agostino*. Roma, 1986, p. 178).

perguntará sobre a alegria, disporá sobre as condições dos peregrinos e, deixando-se enamorar por Sião e encantar-se pela beleza da casa do Senhor, procurará contagiar com esse sentimento toda a assembléia. Num terceiro nível, *recordando uma cidade da qual todos somos cidadãos*, assim se expressa com o salmo 86 (87):

*Neste salmo se canta e se recorda uma cidade da qual somos cidadãos, enquanto somos cristãos, se bem que enquanto formos mortais, somos exilados. Há muito tempo caminhamos em direção a ela mas não conseguimos encontrar o seu caminho, porque seu caminho estava quase inteiramente escondido em espinheiros, até que o rei dessa mesma cidade se fez caminho, para que chegássemos à cidade*³⁶.

Em seguida, o salmo 83 (84) é um texto onde Santo Agostinho expõe o tema da cidadania como realidade da maternidade eclesial, representada por Jerusalém, a cidade-mãe (metro-polis). «O conceito, utilizado por Policarpo de Esmirna, pelo Pastor de Hermas, bem como por Tertuliano, Orígenes, Cipriano e Ambrosio», encontrou em Santo Agostinho uma plenitude e o seu fundamento dogmático³⁷. O capítulo conclui com o salmo 86 (87), reunindo os conceitos tratados para dispor em evidência a temática da dissertação.

Foi inserido, no final deste capítulo, um “excursus” sobre a expressão: Cristo-Porto, usada por Santo Agostinho somente no comentário ao salmo 80 (81). Pesquisando o termo na literatura latina cristã, encontramos apenas uma única vez em São Cipriano de Cartago, cuja memória Santo Agostinho celebrava quando comentou esse salmo.

Excursus: Cristo-Porto

Ansi, entregado al viento, del mar Egeo al mar Atlante vuelado puesto el fundamento *de la cristiana escuela, torna buscando a Cristo a remo y vela* ³⁸.

³⁶ *Enarrationes in Psalmos*, 86,1, 2: «Civitas quaedam in isto psalmo cantata et commendata est: cujus cives sumus, in quantum christiani sumus; et unde peregrinamur, quamdiu mortales sumus; et ad quam tendimus, per cujus viam, quae omnino quasi dumetis et sentibus interclusa non inveniebatur, rex ipsius civitatis se fecit viam, ut ad civitatem perveniremus».

³⁷ N. Lanzi, *La Chiesa Madre in Agostino*. Pisa, 1994, p. 57: «Non solo, ma si deve precisare che per la sua importanza insieme dottrinale, polemica ed estetica tale concetto e sentimento occupa un posto centrale nell'opera e, ancor prima, nella vita di s. Agostino».

³⁸ Fray Luiz de Leon, *Obras Completas Castellanas*. Poesias Originales, XVIII A. Santiago, Madrid, (Biblioteca de Autores Cristianos) 1959, p. 1461.

O uso de expressões relativas à navegação é muito rico na literatura latina cristã. As obras antigas estão repletas de referências históricas e alegóricas das palavras *porto*, *navio* e, menos freqüente, *farol*. Encontram-se, exemplificando, citações as mais diversas para definir o *porto*: *da vontade, da sabedoria, da divina misericórdia, da penitência, da eterna felicidade, do paraíso, da quaresma, do silêncio, da obediência, da esperança*. A figura do navio, representa quase sempre a vida dos homens ou da igreja. Santo Agostinho usou, muitíssimas vezes, a figura do navio para indicar a vida do cristão e do seu coração e, logicamente, como figura da Igreja. Essas referências se encontram em toda a sua obra nas mais diferentes formas. Um exemplo, onde ele trata dessa realidade de forma bem ampla é o Sermão 75, sobre Mt 14, 24-33: "*Navicella autem in medio mari iactabatur fluctibus, etc...*", Santo Agostinho demonstra com palavras iluminadas essa realidade. Assim se expressa: «*Não é sem significado a barca que transportava os discípulos e, por causa do vento contrário corria, perigo em meio às ondas*»³⁹.

Igualmente nas *Enarrationes in Psalmos*, as citações são abundantes e a figura do navio ou da barca (às vezes ele a utiliza no diminutivo para mostrar com mais evidência a fúria dos mares) significando a viagem da alma entre as tempestades da vida, encontra-se, entre outros, no comentário ao salmo 106,12: «*De fato, estamos todos embarcados na nave; alguns são adestrados às manobras, outros são transportados; mas todos estão em perigo quando tem tempestade e todos são salvos quando chegam ao porto*»⁴⁰. Riquíssima é em suas obras a presença da metáfora do porto, cuja figura ele nos oferece em bem trinta e três ocorrências de dezenove de suas obras. Uma única vez, porém, numa espécie de trocadilho que estabelece com seus ouvintes referindo-se aos prazeres do teatro, ele identifica o porto ao Cristo: *Ainda para amanhã, convidamos a vossa Caridade. Amanhã eles terão, como ouvimos dizer, o mar no teatro. Que nós, porém, tenhamos o porto em Cristo*»⁴¹.

São Cipriano de Cartago, em seu livro *De bono patientiae*, expressa, pela primeira vez, essa metáfora. O significado porém é diverso daquele de Santo Agostinho porque *no porto de Cristo* pode significar também a vida eterna: «*Si enim christianus a furore et contentione carnali tamquam de maris turbinibus excessit et tranquillus ac lenis in portu Christi esse iam coepit, nec*

³⁹ Sermo 75,1, 502: «Non enim nihil significat navia illa portans discipulos, quae contrario vento laborabat in fluctibus».

⁴⁰ Enarrationes in Psalmos, 106,12, 884: «Omnes enim in navi sumus: alii operantur, alii portantur; simul tamen omnes et in tempestate periclitantur, et in portu salvantur»

⁴¹ Enarrationes in Psalmos, 80, 23. 1146.

iram nec discordiam debet intra pectus admittere cui nec malum pro malo reddere liceat nec odisse»⁴². Uma outra ocorrência secundária porque embo- ra contemporâneo a Santo Agostinho sua obra é ainda discutível e de difícil datação e até mesmo autoria, é Arnobius Iunior. Em seu *Commentarii in Psalmos* 134 ele afirma: «*Ventis flantibus ad desiderata pertingunt, et apostolis praedicantibus animae ad Christum, qui est vere portus, perveniunt*»⁴³. Mes- mo assim, é de se pensar que Santo Agostinho tenha assumido essa expres- são mais para honrar a memória litúrgica de São Cipriano porque o presente salmo 80 (81), onde ele usa essa expressão, é exatamente em referência di- reta à antecipação da festa do Santo: «Como depois de amanhã, isto é, o quarto dia de sábado, não podemos nos reunir junto ao altar de Cipriano, sendo a festa dos santos mártires, a tal mesa nos reuniremos amanhã»⁴⁴

Foi exatamente esta expressão de Santo Agostinho ao comentar esse salmo — *Nos habeamus portum in Christo* — que incentivou uma pesquisa sobre as possibilidades dos usos da figura de Cristo enquanto Porto⁴⁵. A escassa literatura moderna sobre o assunto, ainda, revela a originalidade desta pesquisa enquanto contribuição para a ciência. No que diz respeito às epígrafes, para não se perder nas diversas possibilidades dos símbolos navais⁴⁶ que se encontram nas catacumbas, este estudo se restringiu ape- nas àqueles onde figuram barca e farol assim como um exemplar muito sugestivo da substituição do farol pelo monograma de Cristo ou a alma do defunto como luz do próprio farol. A figura mais antiga de uma represen- tação náutica para figurar a passagem para a outra vida, a qual vem repre- sentada como um farol, como se sabe, não é cristã. Trata-se de um antigo sarcófago pagão que se encontra em Lion, na França, representando uma

⁴² Cyprianus Carthaginensis, *De bono patientiae*. PL IV,16, 657.

⁴³ Arnobius Iunior, *Commentarii in Psalmos*, 134, PL LIII, 537. Segundo Basil Studer, pouco se sabe de Arnobius Iunior por não haver muita notícia a seu respeito na antigüidade. Com relação ao seu *Commentarii in Psalmos*, trata-se de «...*una interpretazione spirituale dei salmi, di grande interesse per la storia della liturgia romana*». (B. Studer in "Arnobio il Giovane". *Dizionario Patristico e di antichità Cristiane*. Casale Monferrato, 1983, vol. 1, col. 380).

⁴⁴ *Enarrationes in Psalmos*, 80, 23, 1146: «Sed quoniam perendino die, id est, quarta sabbati, non possumus ad mensam Cypriani convenire, quia festivitas est sanctorum mar- tyrum; crastino ad ipsam mensam conveniamus».

⁴⁵ Para a tal, procurou-se seguir algumas linhas de força, delimitando o campo de traba- lho nas figuras da *barca, farol, porto* e alguns sinais mais particulares de *navegação*. A figura da âncora já foi bastante estudada e seria muito abrangente e geral retratá-la neste estudo, porque muito freqüente, foi deixada de lado em detrimento daquilo que se procura determi- nar. O lugar da pesquisa não poderia ser outro senão os cemitérios cristãos em Roma, nas epígrafes dos primeiros séculos onde se encontram os símbolos que interessaram ao assunto.

nave orientada por *Psychê*, transportando a alma de um certo Benagio e que enfrenta, nessa viagem, os perigos do mar. Uma inscrição em grego traz a fórmula: χαῖρε, βενάγι, χαῖρε εὐψύχι; ὑγιαίνε, βεγάγι ὑγιαίνε εὐψύχι, uma saudação de bom augúrio ao defunto e a *Psychê*, na partida e na chegada da nave⁴⁷. No sarcófago, vê-se a ação da *Psychê* alada, entre tritões e nereidas, remando o navio que leva a alma ao porto; um farol em três andares, com ampla chama iluminando o porto, orienta a embarcação. A origem pagã não impede que o cristão adapte à sua própria vida o significado sugerido pelos clássicos — encontramos nas catacumbas, particularmente em fragmentos marmóreos de sarcófagos, figuras de Cristo-Ulisses e Cristo-Orfeu.

A própria vida de Cristo é mais sugestiva, logicamente: Jesus dormindo na barca durante a tempestade no mar da Galiléia⁴⁸, Jesus na barca de Pedro, Jesus caminhando sobre as águas ou tomando Pedro pelas mãos para que não afunde (Mt 14, 25.29 e paralelos). A esse simbolismo, os cristãos representaram posteriormente os perigos da Igreja e, de modo particular, as dificuldades que os fiéis encontram nesta vida enquanto “navegam” em direção ao porto da vida eterna em Cristo.

A figura de Cristo-Porto e, em menor freqüência, a imagem do Cristo-Farol vem considerada em alguns Padres da Igreja. A presença da figura de Cristo é sempre ligada aos milagres (ressurreição de Lázaro, da filha de Jairo, da hemorroíssa, etc.) ou unida a figuras do Antigo Testamento. Verificam-se, ainda, nas Catacumbas, epígrafes latinas e gregas unindo a figura do Cristo a augúrios, saudações e petições. A figura do barco que está se dirigindo ao porto é realmente muito sugestiva. Um exemplar dos mais conhecidos é o epitáfio a Faustianiana, no cemitério de Priscilla. Na epigrafi cristã, uma lápide do terceiro século, bem conservada em mármore branco conhecida como de *Firmia Victora*, foi exposta em Rimini em 1996. “*A vida de Firmia Victora, morta aos 65 anos, é portanto compreendida como uma perigosa e cansativa viagem que chegou ao fim, um êxito que porém é*

⁴⁶ Embora de restrinja a apenas um cemitério romano, um estudo clássico sobre esse assunto é de Marco Bonino, em artigo publicado na *Rivista di Archeologia Cristiana*, v. 3, n. 4, 1983, p. 277-311, sob o título: *Barche, navi e simboli navali nel cimitero di Priscilla*. O autor se reporta a uma literatura ampla mas não especificamente cristã, salvo algumas vozes de dicionários. Segundo seu estudo, esses símbolos navais e figuras de navios são evocações das etapas da Salvação, do batismo, da vida nova, à ressurreição de Cristo prefigurada pelo profeta Jonas: *Sulle pietre tombale - scrive - è rappresentato il termine della navigatio vitae sia con imbarcazioni, che con il simbolo del faro*».

⁴⁷ *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, I, 1478.

⁴⁸ Mt. 8,25; Mc 4, 38.

*iluminado pela luz do farol, uma evidente alegoria da Fé cristã. Esta iconografia, presente igualmente em âmbito pagão, exprime graficamente um conceito de final de existência terrena conhecido também na literatura cristã: (Cipriano, De mortalitate, 26) de fato, considera, em 258 d. C. a morte de um fiel como um navigare in patriam*⁴⁹.

A representação do farol nas lápides foi se aperfeiçoando; de uma forma rudimentar, atingiu um simbolismo cada vez mais profundo. Uma “evolução” iconográfica do farol em Cristo encontra-se em alguns exemplares de epígrafes. Um interessante exemplar é um farol, numa laje nas catacumbas de S. Marcos e S. Marcelino, em Roma, em três andares e no interior do desenho, algumas letras gregas formando uma possível combinação para a palavra AORATA (*invisível*)⁵⁰. Vale notar que os três alfas dessa palavra são dispostos em tal forma que se evidencia XP do monograma de Cristo. Ou seja, já se pode identificar o farol como sendo o próprio Cristo. Para essa particularidade, o comentário de Marucchi é bem convincente: «...a barca com o farol, símbolo da alma que chegou ao porto da salvação, ou mesmo a barca sozinha, ou a barca com o monograma de Cristo em lugar ao farol... Um símbolo muito comum e muito importante é o monograma de Cristo. Sob sua forma mais antiga, é composto das duas letras IX iniciais de Ἰησοῦς χριστός»; encontra-se assim nos séculos II e III.»⁵¹.

Santo Agostinho não cria uma nova figura de linguagem; na realidade ele solidifica com sua doutrina aquilo que os primeiros cristãos haviam testemunhado com suas próprias vidas.

Para a construção do Capítulo IV, procurando manter sempre o *iter considerationis* das exposições temáticas que este estudo desejou oferecer, foram ressaltados mais três salmos, tirados do livro IV do Saltério, onde as figuras do justo, a alegria e a presença de Deus foram necessariamente consideradas.

⁴⁹ Dalla Terra alle Genti, *La diffusione del cristianesimo nei primi secoli*, a cura di Angela Donati. Milano, 1996, p. 275.

⁵⁰ H. Leclercq, *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, t. XIV, col. 672-673: «On croirait à première vue qu'il s'agit d'un escabeau, en réalité c'est un phare surmonté d'une flamme, orné d'un monogramme dont les lettres AOPATA ne peuvent recevoir de combinaison préférable: invisibilia; on remarquera le groupement en forme de croix monogrammatique».

⁵¹ H. Marucchi, *Éléments d'Archéologie Chrétienne*. Paris, 1905, p.165: «...la barque avec le phare, symbole de l'âme arrivée au port du salut, ou même la barque seule, ou la barque avec le monogramme du Christ à la place du phare... Un symbole très commun et très important est le monogramme du Christ. Sous la forme la plus ancienne, il est composé des deux lettres IX initiales de Ἰησοῦς χριστός», assim se encontra nos séculos II e III».

Nesse sentido, aproximou-se mais uma vez do justo para contemplá-lo ainda melhor: é alguém que ama o direito e a verdade, valoriza em si os dons que Deus lhe concede, que o torna *alegre na esperança, paciente na tribulação e perseverante na oração* (Rm. 12,12). Como o justo é alguém que realmente sabe amar, sofre as conseqüências do amor⁵².

Todo o capítulo foi iluminado pelo versículo 1 do salmo 97 (98) que diz: *Cantate Domino canticum novum*. Inicia-se com o salmo 91 (92), rico em elementos de alegria, cooperado por tanta música e analisado pelo santo Hiponense em chaves alegóricas particularmente ricas de profunda teologia: as virtudes teológicas se intercalam com elegância nos comentários. Apoiando-se em Lc. 10, 17-20 para indicar a alegria maior que é ter o nome inscrito no céu, Santo Agostinho mostra o desejo de Jesus de conservar os seus discípulos junto a si: *immo conservans nomina eorum apud se*. O comentário de Santo Agostinho unido à expressão lucana *χαίρετε δὲ ὅτι τὰ ὀνόματα ὑμῶν ἐγγέγραπται ἐν τοῖς οὐρανοῖς* (*Alegrai-vos então porque os nossos nomes estão inscritos nos céus*) nos levou a considerar nesta dissertação alguma coisa a mais: se a expressão *εγγεγραπται* (mesmo sabendo que se trata de um perfeito indicativo passivo de *εγγραφω*) significa, em suas derivações, não só escrever mas igualmente desenhar e pintar; sabendo que o “nome” é um semitismo para significar a inteira pessoa, sua identidade e sua missão, e dando um pouco mais de vazão à nossa fantasia, a expressão *ἐγγέγραπται ἐν τοῖς οὐρανοῖς* “inscritos no céu” poderá muito bem nos oferecer a imagem de uma etérea Capela Sistina, com pinturas vivas. A imagem do “justo como palmeira e cedro do Líbano”, evidencia ainda mais a imagem do “santo” proposta por Santo Agostinho. Este deverá deitar suas raízes no Cristo, para ter força suficiente para anunciar o evangelho.

Assim, esse primeiro salmo do capítulo, o 91 (92), brilha a figura do justo de modo ímpar no Saltério: *o justo floresce como a palmeira, como o cedro do Líbano* (v. 13).

Santo Agostinho desenvolve em seu comentário imagens de “jardina-gem espiritual”, propondo como solução para o problema do mal o apoiar-

⁵² A. Amoroso Lima, *Tudo é mistério*. Petrópolis, 1983, p. 139: «Pois o amor é o caminho da verdade. Por ele a inteligência se torna intuição e nos abre os olhos à luz da Fé. Pois tanto a Fé como a Esperança passam com o tempo. Só a Caridade, isto é, o Amor, perdura pela eternidade afora. Enganou-se o próprio Shakespeare, ao nos propor pela boca de Hamlet, que ser ou não ser é a grande questão. Ora, ser ou não ser, em si, é indiferente. O que há em tudo de supremo, o problema capital da nossa própria razão de ser no mundo e da existência do próprio mundo é amar ou não amar».

se na cruz de Cristo, para se manter sempre em pé e suportar a carga dos *frutos de cada mês* e das folhas *que curam as nações* (Ap. 22, 2). Um louvor a Deus se ergue nesse momento, cuja *luz se levanta para o justo e a alegria para os retos de coração*, um convite a esses para se *alegrar com Iahweh e celebrar sua memória sagrada*. O salmo 97 (98) evidencia esses sentimentos e é central neste quarto capítulo. Santo Agostinho não economizará metáforas nem alegorias para bem distribuir sua doutrina ao longo das *Enarrationes* a ele dedicada⁵³. Uma grande orquestra se apresenta para louvar o Senhor neste salmo, cujos instrumentos Santo Agostinho deverá identificar, buscando nas Escrituras o “som” produzido por eles nos atos dos que mais amaram o Senhor. O salmo 100 (101) fecha o capítulo, enquanto admoestação àqueles que, escolhidos para dirigir nações e comunidades, devem se espelhar nas virtudes necessárias para bem governar.

Uma profunda reflexão sobre o binômio *misericórdia e justiça* será oferecida pelo Hiponense. A reflexão se dirige ao ministério de servir ao Cristo, serviço que liberta porque ama⁵⁴, libertação essa propiciadora da alegria verdadeiramente pascal, a única que pode se permitir de cantar: *Aleluia*⁵⁵.

Um quinto capítulo, reunindo salmos do Livro V do Saltério, coloca-se como encerramento desta pesquisa. Do aleluia conclusivo do capítulo anterior, esta dissertação se abre a alguns salmos aleluíticos para concluir suas reflexões. Tomou-se, inicialmente o salmo 106 (107), que se coloca

⁵³ Para Simonetti, a interpretação espiritual é a única que interessa a Santo Agostinho, muitas vezes proposta sem necessidade de alegorias, pois o conteúdo dos Salmos muitas vezes o permite. «*Ma, quando lo ritiene opportuno egli non ha alcuna remora ad allegorizzare, e le allegorie a volte sono ardite e complesse, con larghissimo uso del simbolismo etimologico*». (M. Simonetti, *Lettera e/o Allegoria*. Un contributo alla storia dell'esegesi patristica. Roma, 1985, p. 350).

⁵⁴ «*Nous ne sommes pas l'effet d'une émanation nécessaire ni d'une opération egoïste. Nous sommes les bénéficiers d'un libre amour. Le don fondamental qui témoigne de cet amour, c'est notre être même. Tout comme la Sainte Ecriture parle si souvent du Créateur, de celui qui a fait le ciel et la terre et ce qu'ils contiennent, le saint évêque d'Hippone nous rappelle constamment que nous avons été créés et que cela commande nos relations avec la divinité. Nous pouvons coopérer en quelque sorte pour d'autres dons; pour celui de l'existence, Dieu a été seul à nous le faire, par le premier et le plus gratuit des amours*». (C. Boyer, *Essais anciens et nouveaux sur la doctrine de saint Augustin*. Le triple amour du Christ. Milano, 1970, p. 296-297).

⁵⁵ Em seu *Sermo* 33,1, Santo Agostinho assim se expressa: «*O cristão canta a Deus menos pelas palavras do que pelo coração. E o canto só é verdadeiro à medida que expressa a emoção interior*». A. Hamman, *Santo Agostinho e seu tempo*. São Paulo, 1989, p. 206: «*A caravana dos batizados, iluminados na noite de Páscoa, passa a viver agora no cotidiano a festa de Deus, com todas as suas alternâncias de sombra e luz. Com olhos fixos no levante, formam uma procissão que avança para adiante, certa de que, para além da noite, aparecerá diante de seus olhos a estrela da manhã*».

para evidenciar o tema do discernimento do amor, evidentemente presente na ação de Deus. Santo Agostinho reflete, iniciando seu comentário, exatamente com a expressão: "Aleluia" para, a seguir, desenvolver sua rica exegese ressaltando as dificuldades do cristão em seu *iter fidei*.

Num segundo momento, tratou-se da eterna felicidade dos justos, motivo principal do salmo 117 (118), onde a alegria vem tratada na sua mais forte expressão litúrgica, do *sedes pascalis* judaico⁵⁶ à graça de pertencer à família de Deus que é a Igreja. Neste capítulo, a eclesiologia de Santo Agostinho, a sua doutrina do místico Corpo de Cristo, ofereceu elementos para u'a maior e sempre mais profunda compreensão do presente carne⁵⁷. A felicidade dos justos que integram a Igreja e vivem do Cristo, pedra angular, médico e remédio, virá narrada por este salmo em diversos momentos fortes do carne⁵⁸. A dissertação dedica um salmo que reúne elementos de síntese do capítulo e de toda a presente pesquisa, no salmo 137 (138). Neste, Santo Agostinho expressa a sua grande predileção pelo Saltério, que ele o chama de "*minha alegria*" e, por isso mesmo, desenvolve o tema da alegria em modo tal que confundirá o ímpio, incapaz de compreendê-la. Neste salmo, conhecendo sempre mais profundamente a experiência de Deus na vida, Santo Agostinho procura, reverentemente, adorá-lo no íntimo do coração e ali cantar a misericórdia e a justiça, que deverá ser vista e estudada, na dimensão da confissão do louvor.

⁵⁶ C. de Sante, *Israel em Oração*. As origens da liturgia cristã. São Paulo, 1989, p. 177: «*Trata-se do mais sugestivo, do mais alegre e do mais inesquecível de todos os ritos familiares do judaísmo. Nele se celebra o acontecimento fundamental da história e da espiritualidade judaica, o fim da escravidão e o início da liberdade, e consiste na participação em uma refeição simbólica (antes da refeição real), no qual cada elemento lembra um aspecto da noite, na qual Deus "com mão forte" e "com braço poderoso" tirou seu povo do Egito e o introduziu na Terra Prometida*».

⁵⁷ «*Estranea a tutte le nazioni e a tutti gli Stati, essa recluta da ogni dove i cittadini che la compongono: indifferente alle diversità delle lingue, degli usi e dei costumi, non osteggiando nulla e nulla distruggendo che sia buono e utile, opera invece a consolidare nelle nazioni più diverse quello che ciascuna di esse pone al servizio della pace terrena, purchè nulla si opponga all'instaurazione finale della pace di Dio. Viene così preparata su questa terra, senza che si possa compiere, quella vita sociale perfetta, — quoniam vita civitatis utique socialis est - in cui regnerà l'ordine assoluto, mediante l'unione delle volontà in una comune beatitudine: la vita eterna in seno a Dio*». (E. Gilson, *Introduzione allo studio di Sant'Agostino*. Casale Monferrato, 1983, p. 210).

⁵⁸ B. Mondini, *Il pensiero di Agostino*. Filosofia, Teologia, Cultura. Roma, 1988, p. 292: «*Nella ecclesiologia di Agostino un ruolo non meno importante della distinzione tra Chiesa pellegrina e Chiesa trionfante, svolge la distinzione tra Chiesa visibile ed invisibile, la quale opera, all'interno della Chiesa visibile o storica*».

Como foi dito acima, esta pesquisa, na sua simplicidade, não desejou esgotar o assunto. Deseja, isto sim, abrir caminhos para que o comentário ao Saltério de Santo Agostinho encante sempre mais o mundo acadêmico, particularmente nesta proposta de um diálogo fraterno com a exegese e as ciências bíblicas de um modo geral. Por isso, como o assunto não foi esgotado aqui, outros aspectos poderão ser ressaltados e analisados com mais competência e com sabedoria. *Faça-o com a capacidade que Deus lhe concedeu, a fim de que em tudo seja Deus glorificado por Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.* (I Pd. 4,11).

Conclusão

«Quando acabou de falar, disse a Simão Pedro: “Faze-te ao largo; lançaí vossas redes para a pesca”. Simão respondeu: “Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar; mas, por causa de Tua Palavra, lançarei as redes”. Fizeram isso e apanharam tamanha quantidade de peixes que suas redes se rompiam. Fizeram então sinais aos companheiros do outro barco para virem em seu auxílio. Eles vieram e encheram os dois barcos, a ponto de quase afundarem. À vista disso, Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador”⁵⁹.

Uma palavra final deve ser levada em humilde consideração: o sentimento de vazio, de pequenez, a tentação de se sentir como Pedro que trabalhou toda a noite (não uma mas mil e quinhentas noites), inutilmente. Porém, se a nossa meta final é Cristo, como escreve Santo Agostinho no final de seu comentário ao salmo 145: *si finis tibi Christus est*, devemos olhar com misericórdia para estas páginas, para que nosso coração recupere a alegria. A partir dessa evidência, a luz do rosto do Senhor começa a iluminar cada passo dado, cada página escrita, cada capítulo concluído: *...mostre o Senhor a tua face, e te dê a paz*⁶⁰. Consideremos algumas observações:

1. Quando Santo Agostinho comentou os salmos, não teve a preocupação em seguir uma ordem pré-determinada. Os primeiros 31 salmos do Saltério, sim; os demais, de acordo com o que a ocasião se lhe oferecia. Nem mesmo a divisão em cinco livros lhe agradava e ele mesmo reconhece isso⁶¹ e apresenta uma outra divisão mais adaptada ao seu ensinamento. Ele

⁵⁹ Lc. 5, 4-8.

⁶⁰ Nm. 6,26.

⁶¹ Enarrationes in Psalmos, 150, 2.

contempla os salmos como unidade, razão pela qual se chama “livro” dos Salmos. *Se fosse preciso dividir*, diz o Santo Doutor, *deveria sê-lo em três partes*, tomando como pontos de referência os salmos 50, 100 e 150 os quais se adaptam melhor a uma interpretação da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, respectivamente. Emerge assim, de seus comentários, a figura brilhante da Igreja, enquanto Corpo Místico, e de seu esposo, o Cristo.

2. *Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?*⁶². O frutuoso diálogo entre a exegese de Santo Agostinho e os autores de nossos dias, pareceu ser um caminho novo. A maioria dos autores modernos, ao final dos seus comentários, leva seus estudos a serem espelhados na tradição cristã. Depois de contemplar os textos originais e examinar-lhes as dificuldades, depois de estabelecer as evidências críticas de uma hermenêutica acurada, depois de suavizar todas as suas dificuldades e, interpretando até mesmo com o auxílio de outras ciências, dispor suas considerações pessoais, aproximam o resultado de seus esforços ao “placet” dos Padres da Igreja.

3. Santo Agostinho ama apaixonadamente um pobre em especial: o Cristo, que assume em si a Igreja inteira nessa mesma realidade pois envolve todos em suas preces e eleva a todos em sua missão. A comunhão dos santos é cara ao Bispo de Hipona e não é por outro título que muitos definiram como principal doutrina das **Enarrationes in Psalmos** aquela do Cristo total. Essa realidade é essencialmente marcada pela alegria porque, *onde se chegou por meio do amor, deve se alegrar*.

4. O *leit-motiv* da alegria e da busca foi central no salmo 69 (70). A alegria revelou-se paulatinamente enquanto Santo Agostinho comentava versículo após versículo. Um contraste violento se estabeleceu entre o ímpio e o fiel; porém, para cada ação do ímpio, uma nova definição foi estabelecida para o fiel. Quanto mais o ímpio “busca” a morte do justo, mais este encontra a alegria na “busca de Deus” e finalmente se verifica que os inimigos do orante serão igualmente os inimigos de Deus; determinada essa dinâmica, se deduziu que a justiça deve ser a causa da alegria. Acima das elucubrações humanas, está Deus como juiz a distinguir quem é justo e quem é o ímpio fraudulento nessa rede de relações. Refletindo o salmo 42 (43), Santo Agostinho convidou a um esforço sempre maior por ser justo: *da operam essere iustus*, exclamou. Numa dimensão espiritual cada vez maior, uma outra tradução poderia ser: *esforça-te por seres santo!* A palavra

⁶² Lc. 24, 32.

justiça encerra esse conceito de santidade de forma dinâmica, e a verdadeira justiça nesta vida é o jejum, a esmola e a oração.

5. Foram reservadas últimas reflexões voltadas à alegria do justo no livro dos salmos, em sua quinta parte enquanto uma grande ação de graças: esta dissertação volta-se para a Igreja a fim de contemplar nela a beleza da noiva do Cordeiro: *Alegremo-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as bodas do Cordeiro e sua esposa já está pronta*⁶³. Essa figura da Igreja é aprofundada numa reflexão em três momentos: Primeiramente, a necessidade da gratidão, expressa pelo salmo 106 (107) num contexto de confissão de louvor, de reconhecimento pelas obras de Deus. Emerge das águas lustrais do batismo um homem renovado. Deve enfrentar, agora, uma série de perigos. Santo Agostinho identifica neste salmo quatro tipos de perigos que acabarão por comprometer até mesmo a Igreja. Reconhece o Hiponense que dentro e fora da Igreja encontram-se problemas e dificuldades. Será o amor de Deus a suprimir as deficiências que possam encontrar na peregrinação da Igreja. O remédio da Palavra de Deus vem curar as feridas provocadas por cismas e heresias. Num segundo momento, refletindo com o salmo 117 (118), Santo Agostinho demonstra que é no seio dessa Igreja que o cristão deverá demonstrar sua pertinência. Por causa de sua beleza, a Igreja é perseguida.

6. O salmo 137 (138) foi escolhido para ser o fecho do capítulo e de toda a tese. Uma das mais belas frases de Santo Agostinho em relação ao livro dos salmos encontra-se exatamente nas *Enarrationes* a este carne: *Saltério meu, alegria minha*. O inteiro comentário oferece momentos de profunda reflexão e de síntese geral àquilo que se propôs esta dissertação.

Uma última pergunta se faz mister: o justo, hoje, é feliz? Creio que a resposta a esta incômoda indagação ainda poderá ser respondida com as palavras do salmo: *Exultem e se rejubilem em Ti, aqueles que Te procuram*. Se procuram a Deus, serão sempre felizes. A antiga fórmula beneditina *si revera Deum quaerit*⁶⁴ continua ainda válida para todos nós que, *noviços ainda no genuíno amor*⁶⁵ divino, pedimos para ser admitidos nas santas moradas.

Uma palavra final

Porquanto brevíssima. Desejo agradecer neste momento à Sua Eminência Reverendíssima o sr. Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, particu-

⁶³ Ap. 19,7.

⁶⁴ São Bento, *Regula Monasteriorum*, 58,7.

⁶⁵ *Confessiones*, 9,4,8: «...rudis in germano amore tuo».

lar amigo e grande incentivador, que me chamou a esta Arquidiocese para que eu pudesse compartilhar “os sofrimentos e as angústias, as alegrias e as tristezas” de um discípulo de Cristo⁶⁶ que se doa totalmente ao estudo das Santas Letras por amor à Igreja, à Tradição e ao Magistério. A Dom Karl Josef Romer, Bispo Auxiliar desta Igreja Particular e responsável pela formação, a quem admiro e nutro filial consideração, por ter ampliado meu trabalho nesta Arquidiocese e possibilitando a grande alegria de possuir tantos e queridos irmãos; ao caríssimo Mons. Assis Lopes, reitor do Seminário Arquidiocesano de S. José, assim como a todos os sacerdotes formadores, seus colaboradores, que me acolhem entre seus alunos permitindo o convívio fraterno com todos, minha homenagem de gratidão e a certeza de incessantes preces junto ao Senhor.

REFERÊNCIAS

Obras de S. Agostinho

1. S. AUGUSTINUS, *Confessionum Libri XIII*. Migne, PL (XXXII) — Corpus Christianorum (CC) vol. XXXIII.
2. SANT'AGOSTINO, *Confessioni.. Opere di Sant'Agostino*. Roma, 1967-1982.
3. S. AUGUSTINUS, *Enarrationes in Psalmos*. Migne, PL (XXXVI-XXXVII) — Corpus Christianorum, CC (XXXVIII-XL).
4. SANT'AGOSTINO, *Esposizioni sui Salmi: opere di Sant'Agostino*. Roma, 1969-1974 (texto latino da Ed. Maurina confrontado com a CSEL).

Outros textos

1. ARMELLINI, F; MORETTI, G. *I Salmi, canti della vita*. Bologna, 1995.
2. ASENSIO, F. *La oración en los Salmos. La antitesis «justo-ímpio»*. Burgos, 1991.
3. BARDY, G., *Saint'Augustin, l'homme et l'oeuvre*. Paris, 1940.
4. BONINO, M. *Barche, navi e simboli navali nel cimitero di Priscilla. Rivista di Archeologia Cristiana, v. 3, n. 4, p. 277-311*
5. BOYER, C. *Essais anciens et nouveaux sur la doctrine de saint Augustin. Le triple amour du Christ*. Milano, 1970.

⁶⁶ CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II, *Constituição Dogmática “Gaudium et Spes”*, n. 1: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.

6. ____ . *Essais sur la doctrine de Saint Augustin*. Paris, 1932.
7. BRABANT, O. *Le Christ centre et source de la vie morale chez Saint Augustin*. Étude sur la pastorale des *Enarrationes in Psalmos*. Gembloux, 1971.
8. BURCKE, V. J. *The joy in Augustine's Ethics*. Villanova, 1979.
9. CANOPI, A. M. *Dio della mia gioia*. Il tema della gioia nella Bibbia. Casale Monferrato, 1989.
10. CHIAPPA, P. V. *Il tema della povertà nella predicazione di Sant'Agostino*. Milano, 1975.
11. COLLE, B. del. *I Salmi pregati da S. Agostin*. Introduzione. Milão, 1986.
12. CORDELIER, J. F. *La pédagogie de Saint Augustin dans les *Énarrationes in Psalmos**. Dijon, 1971.
13. COSTACURTA, B. *La Vita Minacciata*. Il tema della paura nella Bibbia Ebraica. Roma, 1988.
14. COX, D. *The Psalms in the Life of God's people*. Slough, 1984.
15. DAHOOD, M. *Psalms I*. New York, 1975.
16. DANBY, H. *The Mishnah*. Aboth, 2,15,16. 18.ed. Oxford, 1991.
17. E. GILSON, E. *Introduzione allo studio di Sant'Agostino*. Casale Monferrato, 1983.
18. GONZÁLEZ, A. *El libro de los Salmos*. Barcelona, 1984.
19. GORGE, D. *St. Augustin. Homélie sur les Psaumes*. Namur, 1960.
20. GUNKEL, H. *Einleitung in die Psalmen*. 4.ed. Göttingen, 1985.
21. ____ . *Die Psalmen*. 6. ed. Göttingen, 1986.
22. HAMMAN, A. *Santo Agostinho e seu tempo*. São Paulo, 1989.
23. HILLS, E. *Nine Sermons of Saint Augustin on the Psalms*. London-New York, Toronto, 1958.
24. JACQUET, L. *Les Psaumes et le coeur de l'homme*. Étude textuelle, littéraire et doctrinale. Gembloux, 1978.
25. KANNENGIESSER, C. *Enarratio in psalmum CXVIII: science de la révélation et progrès spirituel*. Paris, 1962.
26. KRAUS, H-J. *Psalms*. Minneapolis, 1993.
27. ____ . *Teologia dei Salmi*. Brescia 1989.
28. LANZI, N. *La Chiesa Madre in Agostino*. Pisa, 1994.
29. LIMA, A. A. *Tudo é mistério*. Petrópolis, 1983.
30. M. MASINI. *I Salmi preghiera di un popolo in cammino*. Brescia, 1982.
31. MARGERIE, B. de. *Introduzione alla storia dell'esegesi — sant'Agostino*. Roma, 1986.
32. MARUCCHI, H. *Éléments d'archéologie chrétienne*. Paris, 1905.
33. MASINI, M. *I Salmi preghiera di un popolo in cammino*. Brescia, 1982.

34. MILHAU, M. **Sur la division tripartite du Psautier. Le Psautier chez les Pères.** Strasbourg, 1994.
35. MONDIN, B. **Il pensiero di Agostino.** Filosofia, Teologia, Cultura. Roma, 1988.
36. MOWINCKEL, S. **The Psalms in Israel worship.** Oxford, 1967.
37. PASTOR, F. A. **Deus e a felicidade. Filosofia e religião em Agostinho de Hipona.** Síntese, Belo Horizonte, v. 20, p. 617-637, 1993.
38. _____. **Semântica do mistério. A linguagem teológica da ortodoxia trinitária.** S. Paulo, 1982.
39. RATZINGER, J. **Cantate al Signore un canto nuovo.** Milano, 1996.
40. RAVASI, G. **Il libro dei Salmi. Commento e Attualizzazione.** Bologna, 1991.
41. RESNARD, A. **St. Augustin. Prier Dieu. Les Psaumes.** Paris, 1964.
42. SANTE, C. de. **Israel em Oração. As origens da liturgia cristã.** São Paulo, 1989.
43. SCHÖKEL, L. A.; CARNITI, C. **I Salmi.** Roma, 1992.
44. SCOTT, T. K. **Augustine. His thought in context.** New Jersey, 1995.
45. SIMONETTI, M. **Lettera e/o Allegoria. Un contributo alla storia dell'esgesi patristica.** Roma, 1985.
46. SIMONETTI, M. **Lettera e/o Allegoria. Un contributo alla storia dell'esgesi patristica.** Roma, 1985.
47. TURZINSKI, P. **Il Canto Nuovo nella Teologia di Sant'Agostino, specialmente nelle Enarrationes in Psalmos.** Roma, 1995.
48. VINCENT, M. **Saint Augustine maître de prière d'après les *Enarrationes in Psalmos*.** Paris, 1990.